

**ESTRUTURA E DINÂMICA FAMILIAR FRENTE AO TRANSTORNO DE
PERSONALIDADE ANTISOCIAL EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES:
UM OLHAR INTRÍNSECO DA PSICOLOGIA¹**

**FAMILY STRUCTURE AND DYNAMICS IN THE FACE OF ANTISOCIAL
PERSONALITY DISORDER IN CHILDREN AND ADOLESCENTS:
A PSYCHOLOGICAL VIEWPOINT**

**FARIA, Ester da Costa²
LIMA, Gabriela Freitas de³
SOUZA, João Pedro Lemes e⁴
SOBRAL, Osvaldo José⁵**

RESUMO

O Transtorno de Personalidade Antissocial (TPAS) apresenta seus traços ainda na infância e adolescência e, quem o vivencia sofre grande impacto na estrutura e dinâmica familiar, ao mesmo tempo em que é impactado. A compreensão dessa condição atípica, especialmente pelos membros da família, é fundamental para que saibam como lidar em relação aos comportamentos de má conduta da criança e suas atitudes, tais como: a impulsividade, o desrespeito às normas sociais, a violência e a dificuldade na interação social. As características que essas crianças demonstram em seu comportamento influenciam o seu desempenho escolar, bem como a convivência no ambiente familiar e as relações sociais, trazendo impacto negativo em seu desenvolvimento. Fatores genéticos e ambientais podem ser responsáveis pela construção de comportamentos disfuncionais, como: a violência, abusos físicos e emocionais, o uso de drogas psicoativas, e outros transtornos mentais no ambiente familiar. O estudo acerca do TPAS e suas características é muito importante, principalmente voltando-se para a estrutura e dinâmica familiar, pois a estruturação e fortalecimento dos vínculos afetivos, alinhado a práticas parentais consistentes e a promoção de um ambiente familiar saudável configura-se como estratégia fundamental para o manejo de condutas antissociais em crianças e adolescentes.

Palavras-chave: Transtorno de Personalidade Antissocial; crianças; adolescentes; estrutura e dinâmica familiar.

1 Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro Universitário Mais (UniMais), como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharéis em Psicologia, no 1.º semestre de 2025.

2 Acadêmica do 10.º Período do curso de psicologia pelo Centro Universitário Mais (UniMais). E-mail: esterfaria@aluno.facmais.edu.br

3 Acadêmica do 10.º Período do curso de psicologia pelo Centro Universitário Mais (UniMais). E-mail: gabrielaf@aluno.facmais.edu.br

4 Acadêmico do 10.º Período do curso de psicologia pelo Centro Universitário Mais (UniMais). E-mail: joaosouza@aluno.facmais.edu.br

5 Professor-Orientador: Mestre em Psicologia. Docente do Centro Universitário Mais (UniMais). E-mail: osvaldojose@facmais.edu.br

ABSTRACT

Antisocial Personality Disorder (APD) presents its symptoms in childhood and adolescence, and those who experience it suffer a great impact on the family structure and dynamics, while also being impacted. Understanding this atypical condition, especially by family members, is essential so that they know how to deal with the child's misconduct and attitudes, such as: impulsivity, disrespect for social norms, violence and difficulty in social interaction. The characteristics that these children demonstrate in their behavior influence their school performance, as well as their coexistence in the family environment and social relationships, bringing a negative impact on their development. Genetic and environmental factors may be responsible for the development of dysfunctional behaviors, such as violence, physical and emotional abuse, use of psychoactive drugs, and other mental disorders in the family environment. The study of ASPD and its characteristics is very important, especially when it comes to family structure and dynamics, since the structuring and strengthening of emotional bonds, aligned with consistent parenting practices and the promotion of a healthy family environment, is a fundamental strategy for managing antisocial behavior in children and adolescents.

Keywords: Antisocial Personality Disorder; children; adolescents; family structure and dynamics.

1 INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem como tema o Transtorno de Personalidade Antissocial na Infância e Adolescência. A pesquisa foi desenvolvida a partir de um projeto que contemplou as seguintes questões-problematizadoras: I. Quais são os fatores determinantes e que participam do desenvolvimento do Transtorno de Personalidade Antissocial (TPAS)? e II. Como é a estrutura e a dinâmica familiar de crianças e adolescentes que apresentam comportamentos associados ao Transtorno de Personalidade Antissocial (TPAS)?

Para responder a esta questão, foi proposto o objetivo geral de compreender a estrutura e a dinâmica familiar de crianças e adolescentes com sinais de comportamento antissocial. E, ainda, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos: 1) descrever os principais sintomas do comportamento decorrente do Transtorno de Personalidade Antissocial (TPAS); 2) discutir acerca da relação entre o TPAS e traumas na infância; 3) reconhecer a função da família diante de um possível diagnóstico de TPAS em crianças e adolescentes.

Para responder à problematização e alcançar os objetivos propostos, foi utilizado um percurso metodológico que recorreu ao levantamento bibliográfico por intermédio de uma revisão da literatura. Para isso, os pesquisadores realizaram a leitura de artigos científicos publicados nos últimos vinte e cinco anos, em bases de dados como: Portal de Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PePSIC); Scientific Electronic Library Online (SciELO); Portal Periódicos da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES); entre outras. E, ainda, em livros acerca da temática investigada. Essa pesquisa teve um caráter qualitativo, baseando-se em pesquisa bibliográfica e, quanto aos objetivos, caracterizou-se como uma pesquisa exploratória que, de acordo com Moreira e Caleffe (2006),

[...] tem como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e idéias, com vistas à formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores. Os exemplos mais comuns são os levantamentos bibliográficos (...). a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos (Moreira; Caleffe, 2006, p. 69; 74).

Sob esse entendimento, os critérios básicos de inclusão de trabalhos resultantes de pesquisa acadêmico-científica envolvem a pertinência e coerência com o tema explorado, trabalhos publicados nas plataformas descritas anteriormente, originalmente em língua portuguesa. Para tanto, esta investigação acadêmica, que visa explorar as questões-problema levantadas, está fundamentada na “revisão narrativa”, mediante a qual não são utilizados

[...] critérios explícitos e sistemáticos para a busca e análise crítica da literatura. A busca pelos estudos não precisa esgotar as fontes de informações. Não aplica estratégias de busca sofisticadas e exaustivas. A seleção dos estudos e a interpretação das informações podem estar sujeitas à subjetividade dos autores. É adequada para a fundamentação teórica de artigos, dissertações, teses, trabalhos de conclusão de cursos (USP, 2023, p. 1).

Sob esse propósito, foram incluídos estudos publicados em formato de artigos científicos e livros que abordam o tema, tais como: Bordin e Offord (2001); Dalgarrondo (2019); Davoglio *et al.* (2012); Ottonelli (2024); Pacheco *et al.* (2005); Silva (2016); Viana, Baccin e Silveira (2015); entre outros.

Para tanto, este artigo científico de revisão narrativa foi desenvolvido mediante a seguinte estruturação: transtorno de personalidade; transtorno de personalidade antissocial na infância e adolescência; estrutura e dinâmica familiar; e, as considerações finais.

2 TRANSTORNO DE PERSONALIDADE

A personalidade humana sempre foi um tema cativante para mentes curiosas. O ser humano, em sua completude, se apresenta como um ser vivo complexo, cheio de particularidades e dotado de características únicas encontradas apenas nesse peculiar e curioso bípede. Nesse contexto, a personalidade humana, o seu desenvolvimento e a formação multifatorial despertam a curiosidade de muitos.

Ao discorrer a despeito da personalidade, pode-se esperar que em algum momento surgirá a temática do Transtorno de Personalidade (TP). Sendo assim, é importante ressaltar que essa categoria foi nomeada de diversas formas ao longo do tempo. Conforme Dalgarrondo (2019):

[...] a categoria “transtorno da personalidade” (TP) foi, ao longo dos últimos dois séculos, nomeada de diversas formas pela psicopatologia: insanidade moral (*moral insanity*), monomania moral, neurose de caráter, caracteropatia, psicopatia e, por fim, transtorno da personalidade. Entretanto, um termo que se tornou popular entre os profissionais da saúde mental, migrando para o uso popular, foi psicopatia. Tal termo foi, infelizmente, utilizado de modo muito impreciso e variável, identificando-se psicopatia ora com personalidade antissocial ou sociopática, ora com transtornos da personalidade em geral, sendo até usado como sinônimo de transtorno mental em geral (Dalgarrondo, 2019, p. 279 - grifos do autor).

A Psicologia, enquanto ciência, desde que tomou forma, vem ilustrando, elucidando e proporcionando conhecimento científico a respeito da mente humana e suas múltiplas nuances. Por isso, tem desempenhado um importante papel em trazer ao conhecimento do homem os mistérios da mente, os saberes comportamentais e os conhecimentos da psique.

Como já foi apresentado na justificativa deste projeto de pesquisa, os TPs são alvo de estudo ao longo do tempo, influenciando o modo como os estudiosos compreendiam as pessoas com uma personalidade considerada atípica. De acordo com Dalgalarrodo (2019),

Schneider concebia as personalidades anormais como desvios estatísticos de uma norma mediana estimada. Isso incluía pessoas com personalidades anormais tanto no sentido negativo (com muitas dificuldades e problemas pessoais e interpessoais) como no sentido positivo, ou seja, pessoas muito criativas, sagazes e produtivas. Nem todas as personalidades anormais, portanto, teriam implicação para a psiquiatria (Dalgalarrodo, 2019, p. 279).

Embora existam sujeitos com personalidades interessantes e peculiares, o que de fato desperta o interesse da ciência psicológica, quando se busca compreender os processos de adoecimento, são as condutas consideradas atípicas, com ênfase nas que causam sofrimento ao indivíduo e às pessoas que com ele convive (Dalgalarrodo, 2019).

Dito isto, ao considerar que o tema deste trabalho é o TP, é importante ressaltar que trata-se de um comportamento não modificável com facilidade, o que produz nas pessoas com esta condição um contexto de sofrimento significativo. E, ainda, como elucida Dalgalarrodo (2019),

[...] os TPs, embora de modo geral produzam consequências muito penosas para o indivíduo, seus familiares e as pessoas próximas, não são facilmente modificáveis por meio das experiências da vida (não aprende com a experiência [...]). Além disso, embora muitas vezes o indivíduo com TP não reconheça suas dificuldades e problemas comportamentais e emocionais, padece de limitações em sua vida. Enfim, o TP implica, muito frequentemente, sofrimento significativo para si mesmo e para as pessoas que mais convivem com o paciente (Dalgalarrodo, 2019, p. 279).

Para o autor supramencionado, é a partir do final da infância e adolescência que o TP começa a surgir e, no início da vida adulta, é quando costumam estar estabelecidos. Os TPs, geralmente, permanecem ao longo de toda a vida do indivíduo, sendo que alguns traços específicos podem se atenuar na maturidade da adultez e velhice. Dessa forma, o padrão anormal de comportamento persiste ao longo da vida. Conforme Dalgalarrodo (2019),

Assim, o padrão anormal de comportamento, experiências internas e respostas afetivas e volitivas é persistente e consideravelmente estável, não se limitando a um episódio da vida ou de transtorno mental associado (como uma fase maníaca ou depressiva, um surto esquizofrênico, etc.) (Dalgalarrodo, 2019, p. 279).

Além disso, os TPs são caracterizados por possuírem padrões amplos de comportamentos e experiências internas desarmônicas, de caráter persistente. Tais padrões afetam diferentes aspectos da vida do indivíduo, o que inclui emoções, expressões afetivas e impulsividade.

Assim sendo, percebe-se que os TPs não se restringem apenas a uma parte do psiquismo, mas englobam a vida psíquica e social como um todo, o que influencia o modo como o sujeito que tenha desenvolvido um TP lida com diferentes situações. Tais comportamentos são considerados mal-adaptativos, ou seja, inadequados para o ambiente e normas culturais, o que gera dificuldades para o indivíduo e aqueles que o cercam.

Em consequência, o TP causa um significativo impacto no ser humano, o que leva a diferentes níveis de sofrimento psicológico, como solidão e fracasso pessoal, por exemplo. Essas condições são vivenciadas com grande carga psíquica, evidenciando o impacto negativo desses padrões comportamentais na qualidade de vida da pessoa (Dalgarrondo, 2019).

Ainda conforme Dalgarrondo (2019):

[...] as pessoas com TPs apresentam muita dificuldade em ter uma interação afetiva recíproca, respeitosa e duradoura. Com frequência, não têm consideração ou compaixão pelas outras pessoas; mentem, enganam, trapaceiam, prejudicam os outros, mesmo a quem nunca lhes fez nada. São indivíduos que, embora reconhecidos há muito tempo, tanto nos textos psicopatológicos como na vida diária, têm um status polêmico nas classificações em psicopatologia, o qual sempre volta para a reflexão psicopatológica. Seria uma variação da normalidade ou uma doença? Um modo de ser ou uma categoria médica-psiquiátrica-psicológica? Uma categoria do direito ou da ética/moral ou uma categoria das ciências do comportamento? Segundo a tradição psicopatológica, pessoas com TPs têm muita dificuldade nas relações interpessoais; falta-lhes sensibilidade ao sofrimento dos outros (ou podem apresentar mesmo elementos de sadismo, tendo satisfação ou prazer com o sofrimento alheio). Há um padrão difuso de desconsideração pelas outras pessoas, violação dos direitos alheios (Dalgarrondo, 2019, p. 284).

No que se refere aos estudos e pesquisas científicas da Psicologia sobre a mente humana, tanto na dimensão da saúde mental como nas condições psicopatológicas, o autor supramencionado destaca que, em 1950, o psicopatólogo alemão Kurt Schneider apresentou os conceitos de “personalidades anormais ou psicopáticas”, tal como a do indivíduo com o Transtorno de Personalidade Antissocial.

3 TRANSTORNO DE PERSONALIDADE ANTISOCIAL NA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA

Os estudos e pesquisas acerca do TPAS vêm se mostrando como um interessante foco de estudo no âmbito dessa ciência. O TPAS faz parte do grupo de TP que acometem o ser humano, desenvolvendo uma condição única que vem ganhando cada vez mais atenção no espaço científico. Esse transtorno usualmente surge na infância/adolescência, e tem seu diagnóstico fechado no início da vida adulta.

Como prescrito no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais 5.^a edição (DSM-V, 2013, p. 659), “para que esse diagnóstico seja firmado, o indivíduo deve ter no mínimo 18 anos de idade (Critério B) e deve ter apresentado alguns sintomas de transtorno da conduta antes dos 15 anos (Critério C)”.

Segundo Ottonelli (2024), o traço marcante do TPAS é o comportamento de desrespeito às normas sociais e às pessoas próximas. A pessoa que apresenta esse transtorno possui conduta antissocial e tem como suas características principais a manipulação e a adulação. Elas também apresentam alto nível de inteligência e

racionalidade, com declínio na inteligência emocional. São indivíduos argumentativos, sedutores e carismáticos, que empregam essas estratégias como meio de sustentar o lado sádico de sua personalidade.

As pessoas com personalidade antissocial são guiadas por comportamentos desviantes e, em alguns casos, perversos, o que pode causar sofrimentos, tanto para o indivíduo quanto para as pessoas que o cercam. Um traço marcante é a falta de empatia em suas relações humanas, apresentando um comportamento vazio emocionalmente. Além disso, um caráter importante da personalidade desses indivíduos é a arrogância e a autossuficiência, situação em que eles não consideram os outros em seus projetos pessoais, sociais e de trabalho, demonstrando um forte traço narcisista.

Conforme Silva (2016), o TPAS é uma condição de difícil e abrangente compreensão, caracterizada por padrões de comportamento, por parte de um indivíduo, de desrespeito pelos direitos dos outros, impulsividade, falta de empatia e remorso, incluindo tendências para a manipulação e a enganação, persistentes. O entendimento desse transtorno envolve uma atenciosa análise de uma gama de fatores, genéticos e ambientais, que desempenham um papel fundamental no seu desenvolvimento e diagnóstico.

A conduta antissocial em crianças e adolescentes tem sido alvo crescente de interesse de pesquisa por diferentes áreas do conhecimento, como a Psicologia, a Pedagogia, o Direito, entre outras. Quando criança, certos comportamentos podem ser observados como comuns em um desenvolvimento considerado normal, como mentir e faltar às aulas, por exemplo (Bordin; Offord, 2001). No entanto, para que tais comportamentos possam ser percebidos dentro da normalidade ou como patológicos, faz-se necessário observar se os mesmos acontecem isoladamente e/ou de forma descontínua, ou, também, se constituem dentro de um quadro sindrômico, vistos como um desvio do padrão de comportamentos esperados.

Conforme Bordin e Offord (2001), segundo critérios de diagnóstico encontrados no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais 5.^a edição (DSM-V), ao trabalhar padrões inesperados de conduta antissocial em crianças e adolescentes, observa-se que comportamentos antissociais contínuos fazem parte de alguns diagnósticos psiquiátricos, estando o TPAS entre eles. Além disso, é importante ilustrar que, ainda consoante o DSM-V (2013), o diagnóstico do TPAS aplica-se somente aos indivíduos com dezoito anos ou mais, como referenciado no mesmo DSM-V (2013, p. 659),

[...] para que esse diagnóstico seja firmado, o indivíduo deve ter no mínimo 18 anos de idade (Critério B) e deve ter apresentado alguns sintomas de transtorno da conduta antes dos 15 anos (Critério C). O transtorno da conduta envolve um padrão repetitivo e persistente de comportamento no qual os direitos básicos dos outros ou as principais normas ou regras sociais apropriadas à idade são violados.

Ao discorrer a respeito de crianças e adolescentes, o seu desenvolvimento psicossocial e a desenvolvimento de um transtorno de personalidade como o TPAS, torna-se de grande importância abordar a estrutura familiar e sua dinâmica, com suas condições constitucionais e ambientais específicas. Ao evidenciar-se a frequência de problemas familiares e sociais na história de vida dos delinquentes juvenis, postulou-se a hipótese de que o desenvolvimento de condutas antissociais pode ser visto como uma reação às adversidades encontradas tanto no ambiente familiar como na comunidade (Bordin; Offord, 2001).

Tendo isso em vista, fatores como pouco e/ou inadequado cuidado parental, crescer com pais em situação de discórdia conjugal, ter pais agressivos e violentos, ambiente familiar instável, ter uma mãe com problemas de saúde mental, residir em área com ambiente socioeconômico baixo, são agentes associados ao comportamento antissocial na infância e adolescência. Dentre estes, podemos atribuir notável importância ao ambiente familiar, como afirmam Bordin e Offord (2001),

[...] quanto ao ambiente familiar agressivo e violento, não se pode deixar de mencionar a influência da violência doméstica e do abuso físico sobre o comportamento anti-social na infância. Taxa elevada de comportamento anti-social (21%) foi observada em filhos (idade escolar) de mulheres espancadas. Em Khartoum, Sudão, crianças submetidas à punição corporal grave (corda ou vara) apresentaram mais problemas de comportamento (40,2%) que crianças punidas somente com palmadas (24,6%). Estudos que avaliaram os efeitos do abuso físico a longo prazo demonstraram que indivíduos que sofreram abuso ou negligência na infância tiveram maior probabilidade de cometer crimes. No entanto, a grande maioria das crianças que sofreram abuso (74%) ou negligência (90%) não se tornaram delinquentes, nem cometeram crimes violentos (Bordin; Offord, 2001, p. 3).

Em continuidade, percebe-se o quanto o desenvolvimento psicossocial de crianças e adolescentes e os comportamentos apresentados pelos mesmos estão intrinsecamente associados à sua estrutura familiar, e como se dá a sua dinâmica nesse ambiente.

Desse modo, torna-se fundamental discorrer a respeito da função que a família deve adotar diante da apresentação de comportamentos antissociais persistentes por parte desses indivíduos. Entendendo que o modelo que a criança/adolescente vivencia em seu ambiente familiar atua como base para seus comportamentos fora de casa (Viana; Baccin; Silveira, 2015), é de grande importância que os pais e a família desempenhem seus papéis de maneira prudente. Por exemplo, não praticando negligência parental, exercendo supervisão parental regular e satisfatória, operando práticas educativas competentes, excluindo punições exageradas, e, de vital importância, banindo a violência familiar. Sendo assim, a família se converte de fator agravante da conduta antissocial para agente auxiliador na resolução e transformação da mesma.

Como ilustra Bandura (1976), a família se transforma em um fator de proteção quando o seu vínculo familiar é saudável e satisfatório e as práticas como o apoio parental são frequentes e efetivas. Essas condições ajudam as crianças e adolescentes a não desenvolverem práticas antissociais. Por meio de valores, atitudes, hábitos, ensinamentos, entre outras coisas, dos pais, a criança forma sua personalidade e modela o seu comportamento de acordo com o que os adultos significativos para ela consideram ser adequado. Quando os pais praticam o diálogo, a valorização das qualidades da criança, e a oferecem carinho e atenção, exercendo sua função parental de forma eficaz, elas se desenvolvem mais confiantes e com eficácia elevada.

Dito isso, é possível perceber o quanto o TPAS se mostra como um relevante objeto de estudo para a Psicologia e áreas afins, com todas as suas características e particularidades; especialmente quando observado o seu desenvolvimento em crianças e adolescentes, iniciado com padrões de conduta antissociais que persistem até a vida adulta. Para isso, é necessário ter como ponto de partida, analisar e compreender o quão atrelados estão a estrutura e dinâmica familiar junto a um transtorno tão curioso.

Como mencionado anteriormente, o TPAS surge na infância/adolescência, e tem seu desenvolvimento ao longo da vida. Ele está atrelado com a conduta antissocial, iniciada ainda na infância, marcada por comportamentos da mesma natureza. Para que seja possível identificar se os comportamentos da criança/adolescente podem ser entendidos como patológicos é necessário observar a ocorrência e continuidade dos mesmos, como ilustra Bordin e Offord (2001),

[...] certos comportamentos, como mentir e matar aula, podem ser observados no curso do desenvolvimento normal de crianças e adolescentes. Para diferenciar normalidade de psicopatologia, é importante verificar se esses comportamentos ocorrem esporadicamente e de modo isolado ou se constituem síndromes, representando um desvio do padrão de comportamento esperado para pessoas da mesma idade e sexo em determinada cultura (Bordin; Offord, 2001, p. 1).

Por meio da análise de critérios diagnósticos internacionais, como o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais 5.^a edição (DSM-V) e a Classificação Internacional de Doenças 10.^a edição (CID 10), observa-se que quando os comportamentos de caráter antissocial persistem no decorrer da vida, pode-se identificar algum diagnóstico psiquiátrico. O transtorno de conduta é um dos mais comuns na fase da infância/adolescência.

A principal característica desse transtorno é a propensão para apresentar comportamentos incômodos e perturbadores, além do envolvimento em atividades de alto risco (e/ou ilegais). Os jovens de conduta antissocial não apresentam sofrimento psíquico ou algum tipo de constrangimento em relação a suas atitudes, comumente não se importando em ferir o sentimento alheio ou desrespeitar os direitos de outrem. Desse modo, o maior impacto por seus comportamentos é sofrido pelos outros. Assim, os comportamentos antissociais costumam persistir, pois os indivíduos não se importam com as consequências negativas de suas atitudes (Bordin; Offord, 2001).

4 ESTRUTURA E DINÂMICA FAMILIAR

Ao discutir-se a respeito de crianças e adolescentes e o seu desenvolvimento psicossocial, além do desenvolvimento de um TP, é imprescindível abordar a estrutura familiar e sua dinâmica, com suas condições constitucionais específicas. Ao abordar transtornos de conduta em crianças/adolescentes, percebe-se a grande influência que o meio em que o indivíduo vive e os fatores relacionados estão atrelados ao transtorno, como elucida Bordin e Offord (2001, p. 2), “o comportamento anti-social de crianças e adolescentes tem sido atribuído a fatores constitucionais e ambientais”.

Segundo Johnson *et al.* (2005), diversos estudos confirmam que a criança e o adolescente que tiveram uma experiência traumática em seu desenvolvimento (como abuso físico e psicológico), negligência parental, pais com alguma doença mental e punição excessiva, são mais vulneráveis a traços e sintomas de transtorno de personalidade. Essas condições na idade adulta podem ter um fortalecimento através do uso de substâncias psicoativas, associados à violência, à quebra de regras e convenções sociais, há tentativas de suicídio e a criminalização. Entretanto, algumas manifestações de agressividade e impulsividade em jovens e adolescentes, em algumas ocasiões, podem ser consideradas comuns ou apenas sintomas isolados e transitórios (Achenbach, 1991).

Ao observar a partir do contexto familiar, as crianças e adolescentes que crescem em um ambiente disfuncional, com negligência parental, baixa supervisão

dos pais, práticas educativas insuficientes, punição exagerada, violência familiar, entre outros fatores, possuem grande probabilidade de apresentarem conduta antissocial, e, caso persista, o desenvolvimento do TPAS (Bordin; Offord, 2001). Além disso, outras condições como o abuso e assédio sexual, ambiente com brigas constantes, com violência familiar e doméstica, também contribuem como fator negativo para o desenvolvimento da criança e do adolescente.

Fatores como privação afetiva, ser do sexo masculino, cuidados parentais inadequados, ambiente ligado à discórdia conjugal, pais com comportamento agressivo, mãe com problemas de saúde mental e crescer em situação de vulnerabilidade social são diretamente relacionados ao desenvolvimento de conduta antissocial.

Quando uma criança cresce em ambiente familiar agressivo, com a presença de abuso físico e psicológico, ela apresenta uma grande probabilidade de apresentar comportamentos antissociais (Bordin; Offord, 2001). De acordo com Pacheco *et al.* (2005), o comportamento desviante de uma criança/adolescente com conduta anti-social está intimamente ligado à interação da mesma com a família – ou grupo – que está inserida. Tais comportamentos são aprendidos de acordo com as interações sociais e vão se alterando a partir do desenvolvimento do indivíduo, dentre outros fatores.

Um caráter importante do comportamento antissocial é a relação que ele estabelece com o ambiente e as pessoas que estão à volta do indivíduo, como ilustram Pacheco *et al.* (2005),

[...] embora seja uma forma primitiva de enfrentamento, este comportamento é efetivo para modificar o ambiente. Indivíduos anti-sociais utilizam comportamentos aversivos para modelar e manipular as pessoas à sua volta e, devido a sua efetividade, esse padrão pode se tornar a principal forma desses indivíduos interagirem e lidarem com as outras pessoas (Pacheco *et al.*, 2005, p. 3).

Estudos desenvolvidos na contemporaneidade têm apontado que experiências infantis são evidenciadas como importantes fatores de risco para o desenvolvimento de quadros psicopatológicos em crianças/adolescentes. Crianças e adolescentes que experienciaram situações traumáticas em seu ambiente familiar (e/ou zona de criação) são mais propensos a apresentar traços de transtornos de personalidade (Davoglio *et al.*, 2012).

O estudo do TPAS emerge em um contexto amplo e se mostra de grande relevância. Analisar e compreender a relação intrínseca que há entre essa condição psicológica tão curiosa e a estrutura psicossocial, principalmente, a dinâmica familiar que é de grande valia para o campo da Psicologia e áreas afins.

A promoção de estudos e revisões da literatura sobre esse tema são caminhos essenciais para o aprimoramento de temáticas de saúde infantil e adolescente, contribuindo para o bem-estar desses indivíduos e uma melhor compreensão de suas particularidades.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo compreender, através do olhar da Psicologia, a relação intrínseca existente entre um TP em uma criança/adolescente, e a estrutura e dinâmica familiar na qual esse indivíduo esteve inserido durante sua vida, mais

especificamente, a investigação da relação entre o TPAS e a estrutura e dinâmica familiar do indivíduo. Após desenvolver uma revisão da literatura, identificou-se que experiências familiares negativas, como negligência parental, violência, ausência ou pouco suporte emocional e práticas parentais inadequadas apresentam forte correlação com o surgimento e manutenção de comportamentos antissociais.

Ao considerar que a família é uma das primeiras e mais importantes instituições de formação de uma criança/adolescente, o seu ambiente exerce um papel fundamental no processo de desenvolvimento e socialização dos indivíduos, bem como da maturação emocional da criança e do adolescente. A revisão literária realizada aponta que, por mais que existam fatores genéticos e neurobiológicos envolvidos na formação de um transtorno de personalidade, as condições ambientais e sociais, especificamente no âmbito familiar, são essenciais para o desenvolvimento, atenuação e manutenção dos sintomas relacionados ao TPAS.

A má estruturação da família, histórico de violência, abuso e violência, favorecem a formação de comportamentos sociais disfuncionais que, caso se mantenham com o crescimento da criança e persistam na fase adulta, podem constituir um quadro de TPAS.

Em conformidade com o objetivo específico de descrever os principais sintomas do comportamento decorrente do TPAS, a revisão da literatura ilustra que este é marcado por comportamentos de desrespeito e indiferença às normas sociais e aos direitos das outras pessoas. Aqueles inseridos no quadro de TPAS, tendem a ser manipuladores, inteligentes, argumentativos, sedutores e sádicos. O comportamento do indivíduo antissocial é desviante e perverso, o que prejudica a ele e aos que fazem parte de seu círculo social. Ademais, o traço característico marcante do antissocial é a ausência de empatia em suas relações, bem como a arrogância e a autossuficiência.

Ainda em conformidade com os objetivos específicos trabalhados na pesquisa, pode-se perceber que as condições específicas da família são fatores importantes, pois o comportamento antissocial de crianças e adolescentes pode ser atribuído a fatores constitucionais e ambientais (Bordin; Offord, 2001). Em adição, percebe-se que a conduta antissocial não ocorre de forma isolada, mas sim como parte de um processo multifatorial e complexo.

A família desempenha um importante papel frente a criança com desvios de conduta, atuando como fator de risco ou de proteção. O manejo dos pais com crianças que apresentam traços de um transtorno de conduta deve ser cuidadoso e atencioso. Isto porque, deve promover um vínculo familiar satisfatório a partir de práticas de apoio parental, saudáveis e efetivas. Além disso, para se moldar um bom comportamento e caráter social, são transmitidos valores, atitudes, hábitos, ensinamentos entre outras coisas. Nesse contexto, a prática do diálogo e a valorização das qualidades da criança/adolescente auxilia para que a se desenvolva de maneira mais confiante.

Por fim, nota-se a relevância do estudo acerca do TPAS e suas características, principalmente, voltando-se para a estrutura e dinâmica familiar. Assim, é possível considerar que a estruturação e fortalecimento dos vínculos afetivos, alinhado a práticas parentais consistentes e a promoção de um ambiente familiar saudável configura-se como estratégia fundamental para o manejo de condutas antissociais em crianças e adolescentes.

REFERÊNCIAS

- ACHENBACH, T. **Manual for the child behavior checklist/4-18 and 1991 profile**. Department of Psychiatry: University of Vermont, 1991.
- APA. American Psychiatric Association. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM-5**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2023.
- BANDURA, A. **Social Learning Theory**. Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice Hall, 1976.
- BORDIN, Isabel A. S.; OFFORD, David R. Transtorno da Conduta e Comportamento Anti-Social. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, v. 22, supl. II, p. 12-15, dez. 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbp/a/6KyCKnGj4bHv7qBzXbqWzzK/>. Acesso em: 18 nov. 2024.
- DALGALARRONDO, Paulo. A Personalidade e suas Alterações. *In*: DALGALARRONDO, Paulo. **Psicopatologia e Semiologia dos Transtornos Mentais**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2019. p. 279-301.
- DAVOGLIO, Tércia R.; GAUER, Gabriel José C.; JAEGER, João Vitor H.; TOLOTTI, Marina D. Personalidade e Psicopatia: implicações diagnósticas na infância e adolescência. **Estudos de Psicologia**. Natal, v. 17, n. 3, p. 453-460, set./dez. 2012. Disponível em: www.scielo.br/epsic. Acesso em: 18 nov. 2024.
- JOHNSON, Jeffrey G. *et al.* The developmental psychopathology of personality disorders. **Development of psychopathology: A vulnerability-stress perspective**, p. 417-464, 2005.
- MOREIRA, Herivelto; CALEFFE, Luiz Gonzaga. Classificação da Pesquisa. *In*: MOREIRA, Herivelto; CALEFFE, Luiz Gonzaga. **Metodologia da Pesquisa Para o Professor Pesquisador**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. p. 69-94.
- OTTONELLI, Juliana Cerutti. Transtorno de Personalidade Antissocial. **Revista do Centro Universitário FAI – UCEFF**. Itapiranga – SC, Centro de Ciências da Saúde, v. 3, n. 2, 2024. Disponível em: <https://revistas.uceff.edu.br/reviva/article/view/671/590>. Acesso em: 8 nov. 2024.
- PACHECO, Janaina *et al.* Estabilidade do Comportamento Anti-social na Transição da Infância para a Adolescência: uma perspectiva desenvolvimentista. **Psicologia: reflexão e crítica**. Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 55-61, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prc/a/MkvhYtZhZ6wNt8YhRjzXHqx/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 8 set. 2024.
- SILVA, Jordan Prazeres Freitas da. A Psicopatia a partir da Psicanálise: desmistificando a visão da mídia. **Mneme - Revista de Humanidades**. v. 16 n. 37 (2015): Dossiê História do Corpo. 2016.

USP. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. **Biblioteca:** revisão narrativa. Disponível em: <https://www.ip.usp.br/site/biblioteca/revisao-de-literatura/>. Acesso em: 21 set. 2024.

VIANA, Gabriela Cavali; BACCIN, Adaiane Amélia; SILVEIRA, Katia Simone da Silva. A Família e a Relação com os Comportamentos Antissociais Presentes em Adolescentes. **Anais do Congresso de Saúde Mental e Sistema Jurídico**. Santa Maria: FISMA, out. 2015. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/345344062_A_familia_e_a_relacao_com_os_comportamentos_antissociais_presentes_em_adolescentes. Acesso em: 18 nov. 2024.